

GEORGES PEREC

As coisas

Uma história dos anos sessenta

Tradução

Rosa Freire d'Aguiar



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1965 by Éditions Julliard, Paris

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Les Choses

Capa

Elisa v. Randow

Preparação

Ana Cecília Água de Mello

Revisão

Adriana Cristina Bairrada

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Perec, Georges

As coisas : uma história dos anos sessenta / Georges Perec ;
tradução Rosa Freire d'Aguiar. — 1. ed. — São Paulo : Companhia
das Letras, 2012.

Título original: Les choses.

ISBN 978-85-359-2021-5

1. Ficção brasileira I. Título.

11-13895

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira

869.93

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

PRIMEIRA PARTE

1.

O olhar, primeiro, deslizaria sobre o tapete cinza de um corredor comprido, alto e estreito. As paredes seriam armários de madeira clara, cujos ornamentos de cobre luziriam. Três gravuras, representando, uma, Thunderbird, vencedor em Epsom, a segunda, um navio de pás, o *Ville-de-Montereau*, a terceira, uma locomotiva de Stephenson, levariam a um painel de couro, preso por argolas grossas de madeira preta com veios, e que um simples gesto bastaria para empurrar. Então, o tapete daria lugar a um soalho quase amarelo, que três tapetes de cores desbotadas cobririam parcialmente.

Seria uma sala de estar, com cerca de sete metros de comprimento por três de largura. À esquerda, numa espécie de alcova, um grande sofá de couro preto surrado teria de cada lado duas estantes de cerejeira clara nas quais livros se amontoariam, misturados. Acima do sofá, um portulano ocuparia todo o comprimento da parede. Mais para lá de uma mesinha baixa, sob um tapete de oração, de seda, pendurado na parede por três tachas de cobre de cabeça grande, e que estaria em simetria com o

painel de couro, um outro sofá, perpendicular ao primeiro, forrado de veludo marrom-claro, levaria a um movelzinho alto sobre pés, laqueado de vermelho-escuro, guarnecido de três prateleiras que sustentariam bibelôs: ágatas e ovos de pedra, caixas de rapé, bomboneiras, cinzeiros de jade, uma concha de madre-pérola, um relógio de bolso de prata, um copo lavrado, uma pirâmide de cristal, uma miniatura dentro de uma moldura oval. Mais adiante, depois de uma porta acolchoada, prateleiras superpostas, formando um ângulo, conteriam álbuns e discos, ao lado de um toca-discos fechado do qual só se veriam quatro botões de aço escovado, e que teria ao alto uma gravura representando o *Grand défilé de la fête du Carrousel*. Da janela, guarnecida com cortinas brancas e marrons imitando a estamperia de Jouy, se descobririam algumas árvores, um jardim minúsculo, um pedaço de rua. Uma escrivaninha de tampa de correr atulhada de papéis, tinteiros, estaria acompanhada por uma poltroninha de vime. Uma mesinha ateniense sustentaria um telefone, uma agenda de couro, um bloquinho. Depois, para lá de outra porta, depois de uma estante giratória, baixa e quadrada, sobre a qual estaria um grande vaso cilíndrico de motivos azuis, cheio de rosas amarelas, dominado por um espelho oblongo dentro de uma moldura de mogno, uma mesa estreita, com duas banquetas estofadas de xadrez, levaria de novo ao painel de couro.

Tudo seria marrom, ocre, fulvo, amarelo: um universo de cores meio desbotadas, em tons cuidadosamente, quase preciosamente dosados, no meio das quais surpreenderiam algumas manchas mais claras, o laranja quase berrante de uma almofada, alguns volumes coloridos, perdidos dentro de encadernações. Em pleno dia, a luz que entraria abundantemente tornaria essa sala meio triste, apesar das rosas. Seria uma sala para a noite. Então, no inverno, com as cortinas fechadas, alguns pontos de luz — o canto das estantes, o dos discos, a escrivaninha, a mesi-

nha baixa entre os dois sofás, os vagos reflexos no espelho — e grandes áreas de sombras em que brilhariam todas as coisas, a madeira envernizada, a seda pesada e rica, o cristal trabalhado, o couro macio, ela seria refúgio de paz, terra de felicidade.

A primeira porta abriria para um quarto, de piso revestido por um tapete claro. Uma grande cama inglesa ocuparia todo o fundo. À direita, de cada lado da janela, duas estantes estreitas e altas conteriam alguns livros incansavelmente retomados, álbuns, baralhos, vasos, colares, bugigangas. À esquerda, um velho armário de carvalho e dois cabideiros de madeira e cobre ficariam defronte de uma poltroninha *crapaud* forrada de seda cinza com listras fininhas e de uma penteadeira. Uma porta entreaberta, dando para um banheiro, revelaria grossos roupões de banho, torneiras de cobre em forma de pescoço de cisne, um grande espelho regulável, duas navalhas inglesas e seus estojos de couro verde, frascos, escovas de cabo de osso, esponjas. As paredes do quarto seriam forradas de algodãozinho; a cama estaria coberta com uma manta escocesa. Uma mesa de cabeceira, cercada em três faces por uma gradinha de cobre rendilhada, sustentaria um castiçal de prata rematado por uma cúpula de seda cinza bem claro, um pequeno relógio quadrangular, uma rosa dentro de um copo de pé e, sobre a prateleirinha inferior, jornais dobrados, algumas revistas. Mais adiante, ao pé da cama, haveria um grande pufe de couro cru. Nas janelas, as cortinas de *voile* deslizariam por trilhos de cobre; as cortinas duplas, cinza, de lã grossa, estariam semipuxadas. Na penumbra, o quarto ainda estaria claro. Na parede, em cima da cama preparada para a noite, entre dois pequenos abajures alsacianos, a espantosa fotografia, preta e branca, estreita e comprida, de um pássaro em pleno céu surpreenderia por sua perfeição um pouco formal.

A segunda porta revelaria um escritório. As paredes, de alto a baixo, estariam cobertas de livros e revistas, tendo aqui e acolá, para quebrar a sucessão de encadernações e livros de capa mole, algumas gravuras, desenhos, fotografias — o *São Jerônimo*, de Antonello de Messina, um detalhe do *Triunfo de São Jorge*, uma prisão de Piranese, um retrato de Ingres, uma pequena paisagem à pluma de Klee, uma fotografia amarelada de Renan em seu gabinete de trabalho no Collège de France, uma loja de departamentos de Steinberg, o *Melanchthon* de Cranach — presos em painéis de madeira encastrados nas estantes. Um pouco à esquerda da janela e levemente enviesada, uma mesa comprida em estilo lorenense estaria coberta por uma grande pasta vermelha. Uns copinhos de madeira, tinteiros compridos, potes de todos os tipos conteriam lápis, cliques, grampos, colchetes. Um tijolo de vidro serviria de cinzeiro. Uma caixa redonda, de couro preto, decorada com finos arabescos de ouro, estaria cheia de cigarros. A luz viria de uma velha luminária de escritório, dificilmente regulável, guarnecida de uma cúpula de opalina verde em forma de viseira. De cada lado da mesa, quase uma defronte da outra, haveria duas poltronas de madeira e couro, com encostos altos. Ainda mais à esquerda, ao longo da parede, uma mesa estreita estaria abarrotada de livros. Uma poltrona Club de couro verde-garrafa levaria a arquivos metálicos cinza e a fichários de madeira clara. Uma terceira mesa, menor ainda, sustentaria uma luminária sueca e uma máquina de escrever coberta por uma capa de oleado. Lá no fundo, haveria uma cama estreita, estofada de veludo azul-marinho, guarnecida de almofadas de todas as cores. Um tripé de madeira pintada, quase no meio do escritório, sustentaria um mapa-múndi de alpaca e papelão grosso, ingenuamente ilustrado, falsamente antigo. Atrás da mesa, semiescondida pela cortina

vermelha da janela, uma escadinha de madeira encerada poderia deslizar por um trilho de cobre que daria a volta pelo aposento.

A vida, ali, seria fácil, seria simples. Todas as obrigações, todos os problemas decorrentes da vida material encontrariam uma solução natural. Uma empregada lá estaria toda manhã. A cada quinze dias, viriam entregar o vinho, o óleo, o açúcar. Haveria uma cozinha ampla e clara, com ladrilhos azuis ornados de brasões, três pratos de louça decorados de arabescos amarelos com reflexos metálicos, armários por todo lado, uma bela mesa de madeira natural no centro, tamboretas, bancos. Seria agradável ir sentar ali, toda manhã, depois de um banho, parcialmente vestido. Haveria sobre a mesa uma grande manteigueira de cerâmica, potes de geleia, mel, torradas, pomelos cortados ao meio. Seria cedo. Seria o início de um longo dia de maio.

Eles rasgariam os envelopes das cartas, abririam os jornais. Acenderiam um primeiro cigarro. Sairiam. O trabalho deles só os ocuparia algumas horas, pela manhã. Eles se reencontrariam para almoçar, um sanduíche ou um grelhado, dependendo do estado de espírito; tomariam um café num terraço, depois voltariam para casa, a pé, devagar.

O apartamento deles raramente estaria em ordem, mas a própria desordem seria seu maior charme. Mal se ocupariam da casa: viveriam ali. O conforto do ambiente lhes pareceria uma obviedade, um dado inicial, um estado da natureza. A atenção de ambos estaria em outra coisa: no livro que abririam, no texto que escreveriam, no disco que ouviriam, no seu diálogo reiniciado a cada dia. Trabalhariam muito tempo. Depois jantariam ou sairiam para jantar; encontrariam os amigos; dariam uma volta juntos.

Às vezes pensariam que uma vida inteira poderia harmoniosamente transcorrer entre aquelas paredes cobertas de livros, entre aqueles objetos tão perfeitamente domesticados que eles acabariam acreditando terem sido criados desde sempre unicamente para uso deles, entre aquelas coisas belas e simples, suaves, luminosas. Mas não se sentiriam acorrentados aos objetos: certos dias, sairiam para a aventura. Nenhum projeto lhes seria impossível. Não conheceriam o rancor, nem a amargura nem a inveja. Pois seus recursos e seus desejos se harmonizariam em todos os pontos, em todos os tempos. Chamariam a esse equilíbrio felicidade e saberiam, por sua liberdade, por sua sabedoria, por sua cultura, preservá-la, descobri-la a cada instante de vida em comum.